

Sergio Silbel Soares Reis

“Gente que Faz”

Se é válida a velha máxima de que “a gratidão é a mais frágil das virtudes”, Sérgio Silbel Soares Reis é mesmo um homem incomum. Sua memória admirável é capaz de detalhar fatos desde a infância, sempre pontuados pela lembrança de pessoas que merecem seu reconhecimento por o terem ajudado em algum momento da vida. Como Moacir, o mestre de obras negro que lhe disse um dia: “Este não é o seu lugar, você nunca será um de nós”, quando Sérgio se lançava, com fervor religioso, na imitação da aventura dos padres operários. Foi numa obra de construção civil em Utinga (localidade no ABC paulista), onde ele trabalhava como apontador buscando replicar, na igreja metodista, a experiência católica.

A ideia lhe surgira depois de um ano servindo à igreja metodista. Nascido filho de um tuberculoso em 18 de agosto de 1939, no Rio de Janeiro-RJ, foi dedicado a Deus no batismo para ser pastor, numa espécie de oferenda pela preservação da sua saúde. Um dia, decidiu realmente dar sua vida à igreja, mas não queria ser pastor. Seu desejo era trabalhar na evangelização de jovens. Assim, começou a cuidar de um grupo de 230 rapazes, em troca de um salário mínimo. Entretanto, o moço inquieto não se acomodou na função. Após um ano de serviços prestados à igreja, surgiu-lhe a ideia de tornar-se operário – e, com a indicação de seu padrinho na igreja, o engenheiro Joel Jorge Mello, partiu para a obra no ABC paulista.

A experiência na construtora terminou quando Moacir o investiu diante dos operários, durante o almoço: “O que você está fazendo aqui?” Todos pararam de comer e olharam para ele, esperando a resposta. “Eu queria ter uma experiência de operário”, respondeu. “Como a mesma comida, chego e saio no mesmo horário...” Moacir argumentou: “Sergio, você nunca vai ser um de nós, porque, o dia em que você quiser, vai embora, e nós vamos ficar”. Sergio emudeceu. Uma semana depois, já havia deixado a obra. Anos mais tarde, Moacir se tornaria personagem do trabalho de maior orgulho de Sergio: o programa “Gente que Faz”.

Aquele período duro lhe cultivou algo na alma. Sergio acordava às 4h30min para pegar o ônibus das 5h15min que o levaria à estação para subir no trem das 5h45min e chegar à obra às 7h. Ver aquelas pessoas no ônibus, no trem, na obra, foi a semente que, 30 anos depois, geraria a inspiração para fazer o programa que marcou época na sua carreira de homem de marketing.

DIFICULDADES

A dureza da vida que ele escolhera para seguir os passos de Cristo não lhe era, entretanto, novidade. A tuberculose, que fez seu pai, Silas Bragas Reis, ser desenganado pelos médicos aos 20 anos, obrigou-o a internar-se num hospital especializado em Campos do Jordão-SP. Durante quase cinco anos, Sergio e sua mãe, Isabel Soares Reis, viveram sós no Rio de Janeiro, terra natal dos

pais. Isabel, que era costureira, sustentou, nesse período, o filho e o esposo fazendo vestidos para uma modista do Leme. A modista foi madrinha de Sergio. Quando o pai deixou de manifestar os sintomas da doença, mãe e filho mudaram-se para Campos do Jordão.

Silas, que no Rio trabalhara como operário da Light, acabou iniciando carreira de administrador hospitalar no próprio estabelecimento onde ficou internado. Curado, conseguiu trabalho em outro hospital da mesma cidade, depois seguiu para o hospital Mandaqui, em São Paulo. Aposentou-se em Bauru-SP, trabalhando num hospital de hanseníase. Morreu com 80 anos.

Isabel, entretanto, saudável e forte filha de portugueses, acabou morrendo de câncer com 30 anos, quando Sergio tinha apenas nove anos. Foi um terrível golpe no menino, que tinha estreitíssima relação com a mãe. A mãe que o levava pela mão, andando seis quilômetros até a escola, morreu sem ver o filho aprender a ler. Sergio conta: “Eu achava que era o cara mais safado do mundo. Como não aprendi a ler, minha mãe morreu sem eu ter dado essa alegria a ela, só lhe dei notícia ruim. Mal ela me deixava na escola, eu fugia, não ficava na sala de aula. E por isso achava que tinha o diabo no corpo. Só depois de ter um filho, com quase 30 anos, descobri que eu tinha déficit de atenção e hiperatividade”.

Uma semana após a morte da mãe, Sergio foi internado no Colégio Piracicabano (metodista), em Piracicaba-SP. O pai casou-se novamente. Sergio só ia para casa nas férias e não conseguiu criar uma relação estreita com o pai. Era uma relação boa, mas sem qualquer intimidade. Foi apenas com 16 anos que Sergio saiu do colégio interno. Mudou-se para São Paulo e começou a fazer o curso técnico de contabilidade e a trabalhar. Foi morar na casa de uma família que o acolheu e que tinha seis filhos, com os quais Sergio fizera amizade na igreja metodista.

Essa família, para Sergio, foi sua salvação. No Colégio Piracicabano, viveu um inferno particular. Nos dois primeiros anos, apanhava muito, tanto física como psicologicamente, por ser “um pobre no meio de alunos ricos”. De tanto apanhar, aprendeu a bater. E endureceu a alma. A acolhida da família cristã o transformou: “Eu era um toco. Essa família me deu civilidade, autoestima, me transformou num cidadão, a tal ponto que me casei com uma filha dessa senhora, num casamento que durou 16 anos”. Seus novos “pais” eram Hagar Aguiar Caruso (dona de casa e professora) e Luiz Caruso (jornalista e diretor de uma empresa gráfica chamada Imprensa Metodista).

Teve três filhos com Ana Eunice Caruso: Patrícia Caruso Reis, hoje com 44 anos, socióloga e psicóloga, que lhe deu dois netos (Thomas e Martina); Sérgio Caruso Reis, 42 anos, publicitário que trabalha com comunicação digital em São Paulo e tem dois filhos (Frederico e Vitória), e Letícia Caruso Reis, 39 anos, concluinte do curso de Medicina Veterinária, mãe de Giovana, sua quinta neta.

RELIGIÃO

Antes de estabelecer-se em São Paulo, Sergio viveu seu período de imersão no mundo religioso. Esteve num pré-seminário presbiteriano. Para sorte dele e maior ainda, diz, da Igreja Presbiteriana, não se tornou pastor. Hoje, é frequentador da igreja presbiteriana. E também canta no coral da Igreja de São Francisco de Paula, num ecumenismo musical que o agrada.

Da religião, tem a visão protestante da justificação pela fé. Acredita que é impossível ser inteiramente cristão. “O cristianismo é uma prova de hipismo com obstáculos que, por mais que você treine, não consegue vencer todos. Se fizer alguma coisa, peca; se não fizer, peca por omissão; não fizer nem deixar de fazer, peca em pensamento...” Como então considerar-se cristão? Ele explica: “Sou religioso porque pleiteio a misericórdia de Deus. A essência do Cristianismo hoje é ter a crença num Criador e seguir o que disse Cristo: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”

VIDA PROFISSIONAL

Abandonando a vida de “missionário”, passou a trabalhar como vendedor, ao mesmo tempo em que estudava no curso técnico de Contabilidade à noite. Vendia assinaturas de uma revista para contadores e advogados chamada Íncola, cujo dono era Otávio Frias de Oliveira, depois dono da Folha de S. Paulo. Ganhava por comissão. Quando ia vender no interior, tinha que financiar as despesas com sua própria comissão. Se vendesse, conseguia dormir em hotel; caso contrário, deixava a mala no guarda-volumes da estação e dormia na praça – o que fez diversas vezes em Araraquara, Catanduva, Ribeirão Preto...

Quando precisou alistar-se, serviu a Aeronáutica na Base Aérea de Cumbica. Assim, completou o triênio que lhe talhou a personalidade e do qual se orgulha: um ano para a Igreja, um ano para as Forças Armadas e um ano como operário.

Após dar baixa, seu pai o colocou como fiscalizador de hospitais na Secretaria Estadual de Saúde. Seu trabalho era fazer um “check list” de 52 itens em todos os hospitais uma vez por ano. Viajava muito, mas agora com a diária de hotel garantida...

Tentou também trabalhar na Folha de S. Paulo, sem sucesso. Resolveu então estudar. Inscreveu-se num curso de Comunicação Humana promovido pela Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil. Embora o curso fosse muito caro para suas condições, fez a matrícula – e logo se lamentou. Pensava: “Sou uma besta, como paguei tudo isso para fazer um curso de comunicação humana? Fazemos isso todo dia, não preciso fazer um curso.” No primeiro dia de aula, recalcitrante, saiu do prédio onde trabalhava, na Avenida São João, e foi a pé até a escola, subindo toda a avenida Brigadeiro Luis Antonio. Após os primeiros 15 minutos de aula, já havia deixado as dúvidas para trás: o professor dera um show, mostrando que havia muito que aprender em comunicação humana. O curso durou dois meses. De tão satisfeito, tornou-se aluno assíduo dos cursos da ADVB. Em 1967, fez um curso de um ano. Aproximou-se do professor de Comunicação Humana, José Roberto

Whitaker Penteado, até ser empregado na empresa dele, especializada em Relações Públicas, que tinha como principais clientes quatro frigoríficos estrangeiros e a multinacional Nestlé. Assim começou sua invejável carreira como homem de Comunicação.

A empresa cresceu, conseguindo novos clientes de peso, como Samba, Santista e Volkswagen. Penteado foi convidado para trabalhar na Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Turim. E para lá seguiu, com a esposa, deixando a empresa a cargo de seus três sócios, entre os quais já estava Sergio Reis. Os sócios resolveram criar a Agência de Informações Econômicas, contratando como editor um jovem jornalista que trabalhava como repórter esportivo no rádio, Joelmir Beting. As editorias de economia nos jornais eram então incipientes. O acesso que a agência tinha a grandes clientes proporcionava farto material com o qual a agência passou a alimentar os veículos de comunicação.

Sergio se lembra de algumas campanhas importantes que a agência encabeçou, como o lançamento da soja no Brasil e a valorização da carne de frango, então pouco consumida.

RUMO A CURITIBA

A sociedade acabou sendo desfeita. Sergio vendeu a parte que lhe coube e buscou qualificar-se para novos empreendimentos. Fez um curso intensivo de Administração de Empresas, de um semestre, na Fundação Getúlio Vargas, voltado para administradores que não tinham curso superior. Um diretor da Olsen, João Milano, era aluno do curso e o convidou para trabalhar em Curitiba. Embora ganhando pouco, ele aceitou, por acreditar que o Paraná cresceria muito. Chegou em Curitiba em 1970 e acabou tornando-se “paranaense por escolha”. Um ano depois, estava trabalhando no Grupo Bamerindus. Foi chamado por Luís Antônio Vieira, que o procurou com a indicação de que Sergio Reis era a pessoa que mais entendia de *marketing* em Curitiba. A recomendação fora feita por um colega da FGV, Luís Sérgio Resende.

A nova cidade trouxe ainda mais mudanças na sua vida. Separou-se em 1981 e, no ano seguinte, casou-se com Leonir Pizzato Reis, com que teve dois filhos: Bruno, atualmente com 26 anos, jornalista e profissional de marketing, e Felipe Reis, de 23 anos, estudante de Direito.

No Bamerindus, trabalhou por 25 anos, tendo implantado no grupo toda a estrutura de marketing, que dirigiu durante esse período. Criou também a Umuarama Publicidade, uma das mais premiadas agências da época, comandada por nomes do peso de Sérgio Mercer, Eloi Zanetti, Luiz Aurélio Alzamora Gonçalves e Luiz Alberto Tritto.

Conviveu com o fundador do grupo, Avelino Vieira, que qualifica como sábio: “Homem do interior que quando começava a falar as pessoas paravam para ouvir, pois era uma lição atrás da outra”. Considera Avelino, junto com Otávio Frias, um dos seus grandes mestres. E lembra uma de suas lições: poupança não é o que se guarda no fim do mês, mas o que se separa no início do mês. É uma prestação. Não se deve esperar sobrar.

Graças à sabedoria de Avelino Vieira, acredita Sergio, o Bamerindus era um banco diferente, no qual o cliente estava realmente em primeiro lugar. Muitas vezes, o banco perdeu dinheiro para atender a necessidade do cliente. Nos 25 anos de Bamerindus, Sergio ajudou a construir uma publicidade totalmente diferente daquela feita pelos concorrentes, pois todos faziam campanhas que exaltavam as próprias supostas qualidades, enquanto, no Bamerindus, o foco da publicidade era o cliente. Hoje, muitos bancos seguem a linha criada nos tempos do Bamerindus de Sergio Reis.

No banco, Sergio fez um grande amigo: Thomas Edison Andrade Vieira, sucessor do pai (Avelino Vieira) após sua morte, que comprou o Banco Comercial do Paraná e tornou o Bamerindus um banco de primeira linha. Edison morreu num acidente aéreo, poucas horas depois de haver passado o dia com Sergio, que o considera um de seus “mestres”.

GENTE QUE FAZ

Nesses 25 anos fazendo uma comunicação inovadora e eficaz, há um trabalho que Sergio Reis considera seu maior orgulho: o programa “Gente que Faz”. O programa surgiu numa época em que a autoestima do brasileiro estava muito baixa. Procurava evidenciar que a grandeza do Brasil era feita pelos brasileiros, as pessoas simples que levam o país nas costas. Gente parecida com os operários de Utinga, com aqueles trabalhadores que tomavam o trem de madrugada para chegarem cedo no trabalho. Assim nasceu o projeto que mostraria ao Brasil a gente que faz o Brasil. No primeiro ano do projeto, foram ao ar, pela TV Bandeirantes, em programas de 40 minutos, as histórias de sucesso de 60 empresários. Nos outros quatro anos, foram programas de 3 minutos, nos intervalos de sábado de telejornais da Globo, dessa vez mostrando histórias de quase 300 brasileiros “comuns” que, com seu trabalho, ajudavam a fazer a grandeza do país – entre eles, estava Moacir, aquele mesmo, o mestre de obras que havia dado uma valiosa lição a Sergio.

Sempre cioso em partilhar os louros colhidos com seu trabalho, Sergio faz questão de citar alguns dos profissionais que fizeram junto com ele o “Gente que Faz”: Sérgio Mota Melo, Selma Santa Cruz, Teresa Souza, Valter Santos, Reinaldo Martinazzo e Oscar Colluci.

Os efeitos do ousado projeto foram muitos. Inclusive levar a boa imagem do Bamerindus ao primeiro lugar em uma pesquisa do Ibope com o público (antes do programa, o banco aparecia na sexta posição). Sergio faz questão de ressaltar que a obra foi coletiva: “Foi a melhor coisa que fiz na minha vida, mas fiz como maestro. A comunicação social não é como um jogo de tênis, ela é feita de diversas pessoas, diferentes opiniões. Sempre tive o privilégio de trabalhar com grandes talentos, que escolhi, desafiei e motivei. Por isso, a qualidade da comunicação do Bamerindus sempre foi alta”.

Iniciativa que orgulha Sergio foi a criação do Natal Bamerindus (hoje Natal HSBC), evento incorporado à agenda cultural da cidade há mais de 20 anos e que atrai dezenas de milhares de espectadores em dezembro. O projeto foi abraçado com entusiasmo pelo presidente do banco, José

Eduardo de Andrade Vieira, e teve a participação ativa de Maria Christina de Andrade Vieira, Luiz Alberto Tritto e Maria Alice Avelar.

Na direção do marketing do Grupo Bamerindus, recorda outras campanhas marcantes: “Unindo o Brasil em um grande abraço”, ação em emissoras de rádio que homenageou cerca de 200 cidades e bairros, e a inesquecível campanha da Poupança Bamerindus, “O tempo passa, o tempo voa”, com o grupo Três do Rio, criada por Teresa Souza e Andrés Bukowinski.

“ZÉ DO CHAPÉU” E COVAS

Outra façanha de Sergio foi atuar na campanha que fez de José Eduardo de Andrade Vieira senador da República. Como se elege um banqueiro senador? Ele explica: é preciso descobrir e mergulhar na humanidade do candidato – sem preconceito e com a permissão dele. Vieira foi realmente “invadido” por Sergio Reis, Vianey Pinheiro e Teresa Souza, que passaram dias entrevistando o candidato despido da roupagem de banqueiro, como uma pessoa comum. Foi desse mergulho que surgiu o “Zé do Chapéu”. Tendo ajudado a construir a imagem (e, portanto, a história) do Bamerindus e de seu presidente, Sergio Reis considera como uma das maiores decepções de sua vida haver constatado a incapacidade de José Eduardo Andrade Vieira para manter o banco.

Após deixar o Bamerindus, em 1994, foi contratado por Roberto Civita para trabalhar na Editora Abril, como vice-presidente corporativo, nela permanecendo por três anos. Seguiu então para Brasília, para trabalhar no governo de Fernando Henrique Cardoso, fazendo campanhas institucionais. Entretanto, a vida na capital federal o mantinha longe da família, razão pela qual retornou para São Paulo, dessa vez a serviço do Bradesco. Mas logo foi convidado para ser secretário de Comunicação de Mário Covas, que define como um homem prático, objetivo, que não tinha vergonha de dizer “não”, qualidade rara num político. Sergio confessa que aceitou o convite, em parte, por vaidade – mas também por admirar o governador paulista. Foram tempos de “uma experiência incrível, inesquecível”.

Entre os diversos trabalhos inovadores que fez então, cita especialmente a criação do programa de rádio “Conversa com o Boldrin”, com o músico Rolando Boldrin (com quem já fizera a campanha “Credite no Brasil”, no Bamerindus), que levava às populações das cidades com até 50 mil habitantes notícias sobre as realizações do governo. Elogia Covas por ter feitos mudanças importantes na educação e obras fundamentais de saneamento – área em que os governantes geralmente não se envolvem muito porque não dão visibilidade. Além disso, diz, Covas conseguiu equilibrar as finanças de um Estado que assumira quebrado.

DE VOLTA A CURITIBA

Deixando o governo Covas e o estado de São Paulo, regressou a Curitiba pelas mãos do empresário Atilano Ohms, da Inepar. Tentou mudar o perfil *low profile* da instituição, mas acredita que a empresa não estava preparada para entender a importância desse trabalho. Sentindo-se

subproveitado, pediu demissão e tornou-se sócio da agência Get, onde trabalhou por um ano, saindo para ingressar no Grupo Positivo. Desde que deixou o Positivo, em 2007, tem atuado como consultor, especialmente de emissoras de televisão, e também se dedicado à prestigiosa Escola Superior de Propaganda e Marketing, com sede em São Paulo, da qual é conselheiro associado.

Em terras paranaenses, atuou também com marketing político, trabalhando para candidatos como Jaime Lerner, Rafael Greca e Osmar Dias.

HÁBITOS E FAMÍLIA

Sergio Silbel Soares Reis é um homem visceral, que coloca paixão no que faz. Isso é visível a quem conversa com ele. Ao falar da família, por exemplo, sua emoção transborda. Tem orgulho dos filhos, sua maior alegria. Citar a esposa lhe mareja o olhar: “Grande companheira, há 32 anos junto. Ela aguentou este Sergio Reis intranquilo, inquieto e às vezes pouco paciente. Ela é a grande coautora da minha vida pessoal e profissional. Sempre me ajudou a manter o horizonte”.

Ele se diz um “pregador do cultivo de sonhos”. E justifica: “Quando você não tem sonhos, começa a morrer”. Sergio, portanto, cultiva seus sonhos pessoais – e, claro, envolvendo a família. O primeiro deles é ver todos os filhos formados. E ainda viajar pelo Brasil, de carro, com a esposa. Quer conhecer cidades pequenas, sua história, andando por elas devagar, parando para comer e dormir nessas cidades, com tempo para sentar-se num bar e ficar olhando as pessoas na rua...

Tem grande gosto por viagens e diz que, até o momento, a melhor que fez foi à China, que o deixou absolutamente fascinado. Espantou-se com a competência dos chineses e com sua capacidade de criar. Admirou a dimensão das cidades grandiosas, que tinham floreiras nos viadutos de concreto e uma profusão de árvores nas grandes avenidas.

Leitor voraz, Sergio consome quatro jornais diários: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Valor Econômico* e *Gazeta do Povo*. E lê muitas biografias, mas também literatura de ficção – recentemente, passou a deleitar-se com as obras de Ken Follet. Leu todas as obras de Winston Churchill, de quem é grande admirador, “apesar de todo seu imperialismo”. Em 2012, visitou a casa onde Churchill pintava seus quadros.

Atuante em corais religiosos, gosta da boa música. Cita Bach, especialmente “Jesus, alegria dos homens”, Händel, Manuel de Falla, Beethoven... Mas também Jobim, Vinicius, Ary Barroso, Cole Porter...

MAIS GRATIDÃO

Sempre que conta histórias de alguma fase de sua vida, Sergio faz questão de citar nomes de pessoas importantes que o ajudaram, que ele chama de “anjos da guarda”. Entre muitos, relembra: “Um Moacir, na obra em Utinga. Um Joel Jorge Mello, engenheiro da Igreja Metodista Central em São Paulo. O José Carlos Pupo Persson, que me levou para o Bamerindus. O João Milano e o

Marcos Olsen, que me trouxeram no início de 1970 de São Paulo para Curitiba. O João Elísio Ferraz de Campos, homem mais generoso que conheci na vida”.

O inegável sucesso que alcançou, entretanto, ele atribui especialmente à sorte, citando um trecho do Eclesiastes (9:11): “...debaixo do sol não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a peleja, nem tampouco dos sábios o pão, nem ainda dos prudentes a riqueza, nem dos entendidos o favor; mas que a ocasião e a sorte ocorrem a todos”.

Pois teve então muita sorte aquele menino que gostava de ver o nascer do Sol no Arpoador, admirando os primeiros reflexos do dia no morro Dois Irmãos... Quem conversa com Sérgio Silbel Soares Reis pode perceber, no fundo do seu olhar, laivos do menino que um dia se encantou vendo o amanhecer do alto da pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, sua terra natal. Um olhar que brilha quando fala dos anjos, a quem atribui, também, seu sucesso na vida: “Eles existem, creia!”